



Análise de Conjuntura

Boletim periódico da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados

Os textos são da exclusiva responsabilidade de seus autores. O boletim destina-se a promover discussões sobre temas de conjuntura e não reflete a posição de parlamentares, de suas assessorias ou do corpo técnico da Câmara dos Deputados.

Tentação protecionista

Vozes importantes têm alertado contra o perigo da tentação protecionista neste período de crise financeira mundial. Entre estas, as de Pascal Lamy, presidente da OMC, e Dominique Strauss-Kahn, presidente do FMI. O protecionismo ronda as relações comerciais e o setor financeiro.

Os ministros da área econômica do G20, em comunicado conjunto de dez dias atrás, reconheceram a superioridade do livre comércio como política de expansão econômica e comprometeram-se em preservar o comércio internacional.

O paralelo histórico, nessa discussão, é a grande depressão que se seguiu à crise financeira de 1929, quando medidas protecionistas, nos Estados Unidos e Europa, culminaram em severa estagnação econômica.

Do protecionismo comercial ao isolamento cultural

Embora medidas protecionistas possam parecer eficientes no curto prazo, incentivando a produção nacional, seu impacto, no longo prazo, pode ser devastador, corroendo as possibilidades de expansão das exportações e de manutenção do crescimento. Principalmente se essas medidas forem imitadas por outros países. Outro temido efeito do protecionismo, no plano das relações internacionais, resulta de suas implicações geopolíticas, com exacerbação de nacionalismos e de conflitos entre países.

Expediente

Boletim de Análise de Conjuntura (BAC). Ano 1, nº 4. Quinta-feira, 26 de março de 2009.

Colaboraram neste número: Marcelo Barroso Lacombe (coordenador), Marcos Pineschi e Bernardo Estellita Lins.

O Boletim de Análise de Conjuntura é uma publicação da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados. Destina-se a promover o debate sobre temas de conjuntura e não reflete a posição de parlamentares, de suas assessorias ou do corpo técnico da Câmara dos Deputados.

Mais uma vez, o exemplo ilustrativo é a Europa após a crise de 1929, quando retaliações econômicas entre países estimularam rivalidades militares que desembocaram na Segunda Grande Guerra.

Uma manifestação preocupante do transbordamento do debate econômico para o conflito social é o aumento da discriminação contra imigrantes estrangeiros nos EUA (sobretudo contra indianos), na Europa (contra turcos e árabes) e na Coreia (contra chineses).

O primeiro-ministro Gordon Brown chegou a declarar-se a favor da manutenção de “empregos britânicos para empregados britânicos”. Restrições a vistos de estudantes estão sendo implementadas nos EUA, Inglaterra e Itália. A Coreia do Sul estabeleceu restrição a vistos de trabalhadores chineses. França e Grã Bretanha concordaram em criar uma área de triagem de imigrantes ilegais na cidade de Calais, o que levou o jornal britânico *The Independent* a falar no “Guantanamo europeu”.

Discurso se distancia da prática

Apesar do discurso público em favor do livre comércio, países em diferentes regiões do mundo têm cedido à tentação de apelar ao protecionismo como remédio anticrise. E as medidas protecionistas poderão gerar tensões internas em blocos econômicos como a União Européia, Nafta e Mercosul.

Exemplos desta tendência podem ser encontrados na recente disputa entre México e EUA, decorrente do cancelamento, por parte dos Estados Unidos, de um programa que concedia aos caminhoneiros mexicanos facilidades para entrada em território americano com produtos agrícolas daquele país. O anúncio da suspensão levou o ministro da economia do México, Gerardo Mateus, a ameaçar os EUA com retaliações, aumentando as tarifas de 90 produtos norte-americanos.

As atitudes da Argentina em relação ao Brasil são outro exemplo ilustrativo. O contencioso eleva-se desde o início de 2009, com a proibição da venda de produtos brasileiros na Argentina e a adoção de barreiras tarifárias contra exportações brasileiras.

Os europeus administram, também, uma complexa relação com a Rússia, combinando dependência no fornecimento de petróleo e gás, conflitos pela proteção do setor agrícola e risco militar. Uma fórmula literalmente explosiva.

Buy American

O protecionismo não se limita a medidas tarifárias ou proibição de entrada de produtos em um país, mas abrange também subsídios discriminatórios entre empresas nacionais e estrangeiras, com vantagens para as primeiras.

O exemplo mais notável tem sido o programa de recuperação econômica dos Estados Unidos proposto pelo presidente Obama, com a adoção da cláusula *buy American*, que obriga à compra governamental de produtos fabricados por empresas norte-americanas, divulgado no final de janeiro.

Outros países seguem logo atrás nessa trilha. Assim como os EUA forneceram crédito abundante às montadoras de veículos, a França também ofereceu subsídios às montadoras locais para manter sua produção em território francês. Nessa mesma linha, o Brasil estendeu seu programa de redução de impostos para a compra de carros novos até meados do ano.

Nada de novo sob o sol

Essas políticas não chegam a ser novidade. A expressão em inglês *beggar thy neighbour*, cuja tradução talvez seja “mendigue ao seu vizinho”, agrega essas estratégias de recuperar-se às custas dos outros.

Além do protecionismo no comércio, da preferência a produtos nacionais e da seleção de trabalhadores por critérios de nacionalidade, o cardápio à disposição dos governantes inclui outras opções, como a desvalorização cambial para melhorar a competitividade dos produtos exportados, a concessão de incentivos fiscais seletivos para criar vantagens para os produtos nacionais e a oferta de linhas de crédito especiais para exportações.

À primeira vista, essas políticas parecem desejáveis no curto prazo, especialmente em um momento em que a ordem é sobreviver hoje para recuperar-se no futuro. Mas a sua replicação por outros países rapidamente neutraliza sua eficácia, reduzindo o volume de comércio global. Tem-se uma vantagem por alguns meses, para em seguida amargar anos de complicadas negociações multilaterais na tentativa de desmontar esses mecanismos.

Não existe, em suma, almoço grátis.

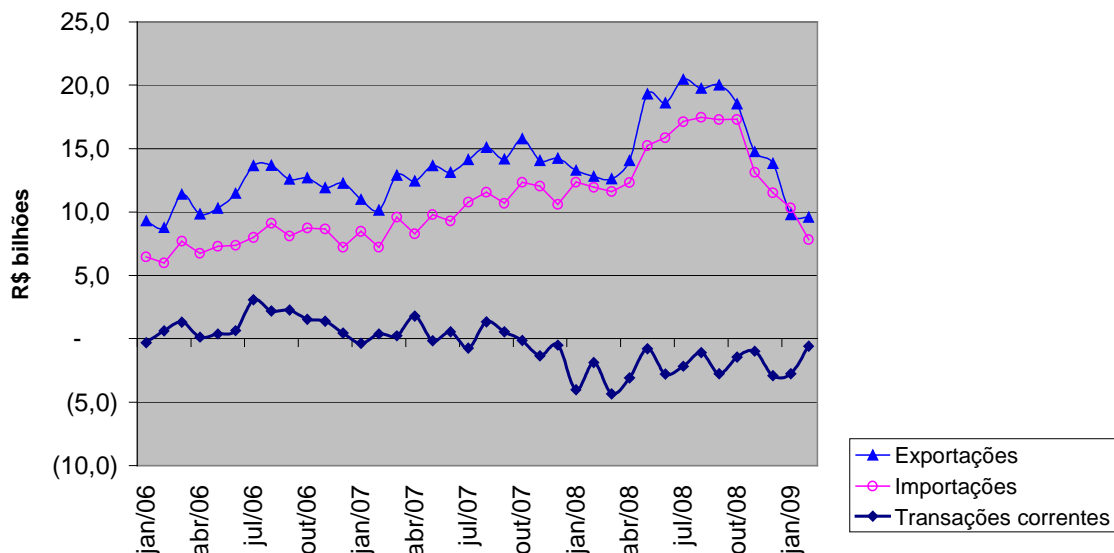
A situação brasileira

Os dados divulgados ontem pelo Banco Central mostram que a queda nas importações continua. Os valores retornaram ao patamares mensais anteriores a março de 2007.

O desempenho não é muito diferente daquele verificado para as exportações, embora o total exportado em fevereiro seja próximo daquele verificado em janeiro.

As expectativas de mercado apuradas pelo Banco Central em 20 de março apontam, para o ano de 2009, exportações de US\$ 157 bilhões e importações de US\$ 140 bilhões, montantes expressivamente inferiores aos observados em 2008, de US\$ 198 bilhões de exportações e US\$ 173 bilhões de importações.

**Evolução das exportações, importações e transações correntes
valores observados no mês
(janeiro/ 2006 a fev/2009)**



Por ora, as expectativas de manutenção dos investimentos estrangeiros diretos para os próximos anos sugerem que estes se manterão compatíveis com o déficit em transações correntes.

O governo brasileiro tem criticado publicamente as decisões protecionistas de países como os Estados Unidos e apelado para a retomada das negociações da Rodada Doha, como forma de solução multilateral para redução de conflitos comerciais exacerbados pela crise atual.

Informe da Organização Mundial de Comércio de 2009 sobre o Brasil reconhece que o país avançou na modernização do seu regime de comércio, mas ressalta que ao mesmo tempo temos elevado, na média, nossa proteção tarifária e recomenda a sua redução, assim como a eliminação de barreiras não tarifárias. Curiosamente, a OMC não provê avaliações, em seu site, sobre os regimes tarifários de outros países membros do BRICS, como China, Índia e África do Sul.